"Um thriller digno de Hollywood." EW

# A PACIENTE SILENCIOSA



ALEX MICHAELIDES

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo **Sobre nós:**

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em

nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."***



ALEX
MICHAELIDES

# A PACIENTE SILENCIOSA

Tradução de
Clóvis Marques

1ª edição

EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

The Silent Patient

Copyright © 2019 by Astramare Limited.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram assegurados.

Proibida a venda em Portugal.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela
EDITORA RECORD LTDA.
Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ –
20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000, que se
reserva a propriedade literária desta
tradução.

Produzido no Brasil
ISBN 978-85-01-11653-6




**EDITORA AFILIADA**

*Para os meus pais*

# PRÓLOGO

## *O diário de Alicia Berenson*

14 DE JULHO

Não sei por que estou escrevendo isso.

Minto, não é verdade. Talvez eu saiba, mas não queira admitir para mim mesma.

Não sei nem que nome dar para isso aqui que estou escrevendo. Parece meio pretensioso chamar de diário. Não é como se eu tivesse alguma coisa para dizer. Anne Frank tinha um diário — não alguém como eu. Chamar de "crônicas da minha vida" soa meio pedante. Dá um peso e uma obrigação que eu não quero: se virar obrigação, jamais vou levar isso adiante.

Talvez eu não dê nome nenhum. Uma coisa sem nome na qual eu escrevo de vez em quando. Prefiro assim. Quando se coloca um nome em algo, não dá mais para ver essa coisa como um todo nem a importância dela. Só se presta atenção na palavra, que é a parte menos importante, na verdade; a ponta do iceberg. Nunca me senti muito à vontade com as palavras — sempre penso visualmente, eu me expresso em imagens —, o que significa que jamais teria começado a escrever isso aqui se não fosse por Gabriel.

Tenho andado meio deprimida ultimamente por causa de algumas coisas. Achei que estava conseguindo esconder isso, mas ele percebeu — é claro que percebeu, ele percebe tudo. Gabriel perguntou como estava indo a pintura, e eu respondi que não

estava indo. Ele trouxe uma taça de vinho para mim, e eu me sentei à mesa da cozinha enquanto ele cozinhava.

Gosto de observar Gabriel em ação na cozinha. Ele é um cozinheiro gracioso: elegante, ágil, organizado. Diferente de mim. Tudo que eu consigo fazer é uma enorme bagunça.

“Conversa comigo”, ele pediu.

“Eu não tenho nada para dizer. Às vezes é como se eu me perdesse nos meus próprios pensamentos. Como se eu estivesse nadando na lama.”

“Por que você não tenta fazer anotações? Registrar as coisas... Pode ajudar.”

“É, pode ser. Vou tentar.”

“Mas não deixa isso ficar só no plano das ideias, querida. Coloca em prática.”

“Vou colocar, sim.”

Ele ficava me cobrando, mas eu não fazia nada. Até que alguns dias depois ele me deu de presente esse caderninho de anotações com capa de couro preta e folhas brancas sem pauta e grossas. Passei a mão na primeira página, sentindo sua maciez — e então apontei o lápis e comecei.

Ele tinha razão, é claro. Eu já estou me sentindo melhor — anotar essas coisas é uma espécie de libertação, uma válvula de escape, um espaço para me expressar. Acho que é mais ou menos como terapia.

Gabriel não disse nada, mas dá para perceber que ele está preocupado comigo. E, para ser sincera — e é bom que eu seja mesmo —, o verdadeiro motivo de eu ter concordado em escrever esse diário era para tranquilizá-lo, mostrar que eu estou bem. Não

suporto a ideia de ver Gabriel preocupado comigo. Não quero nunca ser um motivo de aflição para ele, nem deixá-lo infeliz ou magoá-lo. Eu amo tanto Gabriel. Ele é sem sombra de dúvida o amor da minha vida. Eu o amo tanto, tanto, que às vezes esse sentimento parece que vai me consumir por completo. Às vezes eu sinto como se...

Não. Eu não vou escrever sobre essas coisas.

Isso aqui vai ser um registro prazeroso de ideias e imagens que me inspiram artisticamente, coisas que têm algum impacto criativo em mim. Eu vou registrar apenas pensamentos positivos, felizes, normais.

Nada de ideias malucas.

# PRIMEIRA PARTE

Ele que tem olhos de ver e ouvidos de ouvir vai se convencer de que nenhum mortal é capaz de guardar segredo. Se os lábios estiverem em silêncio, ele vai tagarelar com a ponta dos dedos; traição exsuda por todos os poros.

SIGMUND FREUD,
*Conferênciasintrodutórias à psicanálise*

# CAPÍTULO 1

Alicia Berenson tinha 33 anos quando matou o marido.

Eles estavam casados fazia sete anos. Os dois eram artistas: Alicia era pintora, e Gabriel um renomado fotógrafo de moda. Ele tinha um estilo bem próprio — fotografava mulheres semiesquálidas e seminuas sob ângulos estranhos e nada favoráveis. Desde sua morte, o preço das suas fotos aumentou astronomicamente. Para ser sincero, eu acho o trabalho dele bastante forçado e superficial. Sem nada do caráter visceral dos melhores trabalhos de Alicia. Não entendo de arte o bastante para dizer se Alicia Berenson vai passar no teste do tempo como pintora. Seu talento estará sempre à sombra da sua infâmia; portanto, é difícil ser objetivo. E vocês podem me acusar de ser tendencioso. Mas é apenas a minha opinião, tenha ela o valor que tiver. E, para mim, Alicia era praticamente um gênio. Deixando de lado a excelência técnica do seu trabalho, as pinturas dela têm uma estranha capacidade de prender a

atenção — na verdade é, quase como se as obras agarrassem a atenção com força pelo pescoço.

Gabriel Berenson foi assassinado há seis anos. Tinha 44 anos. Foi morto no dia 25 de agosto — num verão particularmente quente, como devem se lembrar, com o registro de algumas das temperaturas mais altas jamais vistas. O dia em que ele morreu foi o mais quente do ano.

No último dia de vida, Gabriel se levantou cedo. Um carro foi buscá-lo às cinco e quinze da manhã na casa onde morava com Alicia na região noroeste de Londres, em frente ao parque de Hampstead Heath, e ele foi levado para uma sessão de fotos em Shoreditch. Passou o dia fotografando modelos num terraço para a *Vogue*.

Não se sabe muito bem o que Alicia fez naquele dia. Ela estava às vésperas de uma nova exposição, atrasada com o trabalho. É provável que tenha passado o dia pintando no chalé nos fundos do jardim, que havia transformado em ateliê recentemente. No final das contas, a sessão de fotos de Gabriel avançou noite adentro e ele só foi levado de volta para casa às onze.

Meia hora depois, a vizinha Barbie Hellmann ouviu vários tiros. Ela ligou para a polícia, e a

delegacia de Haverstock Hill mandou uma viatura às onze e trinta e cinco, que chegou à casa da família Berenson em menos de três minutos.

A porta da frente estava aberta. A casa, mergulhada na escuridão total; nenhum dos interruptores funcionava. Os policiais atravessaram o corredor e chegaram à sala. Usaram lanternas, iluminando o ambiente com feixes de luz intermitentes. E deram com Alicia de pé junto à lareira. Seu vestido branco ficou fantasmagórico à luz das lanternas. Alicia parecia não perceber a presença da polícia. Estava imóvel, congelada — uma estátua de gelo —, com uma estranha e assustadora expressão no rosto, como se estivesse diante de um terror jamais visto.

No chão, uma arma. Ao lado dela, no escuro, Gabriel sentado, imóvel, preso a uma cadeira por fios que atavam seus tornozelos e seus punhos. De início, os policiais acharam que ele estava vivo. A cabeça pendia ligeiramente para o lado, como se ele estivesse inconsciente. Até que foi possível ver, sob um dos feixes de luz, que tinha levado vários tiros no rosto. Seus traços atraentes nunca mais seriam vistos, transformados numa massa

escura, carbonizada e coberta de sangue. Na parede atrás dele, pedaços do crânio, massa cinzenta, cabelos... E sangue.

Havia sangue por todo lado, salpicado nas paredes, em filetes escuros no chão, nos sulcos do assoalho de madeira. Os policiais deduziram que era de Gabriel. Mas tinha sangue demais. Até que alguma coisa brilhou à luz das lanternas — havia uma faca no chão perto dos pés de Alicia. Outro feixe de luz revelou sangue em seu vestido. Um dos oficiais pegou seus braços e os levantou na luz. Havia cortes profundos nas veias dos punhos — cortes recentes, sangrando muito.

Alicia resistiu às tentativas de salvar sua vida; foram necessários três policiais para contê-la. Ela foi levada para o Royal Free Hospital, a poucos minutos de distância. Desmaiou no caminho. Tinha perdido muito sangue, mas sobreviveu.

No dia seguinte, estava deitada numa cama de um quarto particular do hospital. Fora interrogada pela polícia na presença do advogado. Mas Alicia se manteve em silêncio o tempo todo. Os lábios pálidos volta e meia tremiam, mas sem chegar a formar palavras, sem emitir nenhum som. Ela não respondeu a

nenhuma pergunta. Não era capaz de falar, não queria. Nem disse absolutamente nada ao ser acusada do assassinato de Gabriel.
Continuou em silêncio ao ser detida, recusando-se a negar qualquer culpa ou confessá-la.

Alicia nunca mais voltou a falar.

Seu silêncio inabalável transformou essa tragédia doméstica banal em algo muito maior: um mistério, um enigma que tomou conta das manchetes e ocupou durante meses a imaginação do público.

Mesmo em silêncio, Alicia não deixou de se expressar. Uma pintura. Começou-a depois de sair do hospital para aguardar o julgamento em prisão domiciliar. De acordo com a enfermeira psiquiátrica designada pelo tribunal, Alicia mal comia ou dormia — ela praticamente se limitava a pintar.

Em geral, Alicia se preparava durante semanas ou até meses antes de começar um novo quadro, fazendo intermináveis esboços, dispondo e reformulando a composição, experimentando com cores e formas — uma longa gestação seguida de um demorado parto, conforme cada pincelada era aplicada com infinita

meticulosidade. Agora, entretanto, ela havia alterado drasticamente seu processo criativo, e concluiu essa pintura poucos dias após o assassinato do marido.

E para muita gente isso já seria suficiente para condená-la: voltar ao ateliê tão pouco tempo depois da morte de Gabriel demonstrava uma extraordinária insensibilidade. A monstruosa ausência de remorso de uma assassina fria.

Talvez. Mas não se deve esquecer que, embora Alicia Berenson possa de fato ser uma assassina, ela também era uma artista. E faz total sentido — pelo menos para mim — que se utilizasse de tintas e pincéis para expressar numa tela suas complexas emoções. Não é de surpreender que, para variar, a inspiração lhe viesse com tamanha facilidade; se é que o sofrimento pode ser considerado fácil.

A pintura era um autorretrato. E ela lhe deu um título no canto inferior esquerdo da tela, em letras azul-claras do alfabeto grego.

Uma palavra:

*Alceste*.

# CAPÍTULO 2

Alceste é a heroína de um mito grego. Uma história de amor das mais tristes. Alceste decide sacrificar a própria vida pelo marido, Admeto, morrendo em seu lugar quando ninguém mais o fez. Um mito perturbador de autossacrifício, embora não ficasse claro como isso estaria relacionado ao caso de Alicia. O verdadeiro significado da alusão me escapou por algum tempo. Até que um dia a verdade veio à tona...

Mas não quero me adiantar. Estou me precipitando. Tenho que começar do começo e deixar que os acontecimentos falem por si mesmos. Não devo enfeitá-los, distorcê-los, nem contar mentiras. Vou avançar passo a passo, lenta e cautelosamente. Mas por onde começar? Eu preciso me apresentar, mas talvez ainda não seja o momento certo; afinal, não sou o herói dessa história. Essa é a história de Alicia Berenson; e, portanto, preciso começar por ela — e por *Alceste*.

A pintura é um autorretrato, mostrando Alicia em seu ateliê nos dias subsequentes ao

assassinato, de pé diante de uma tela num cavalete, segurando um pincel. Ela está nua. Seu corpo é entregue sem que se poupe nenhum detalhe: longos fios de cabelo ruivo se estendendo além dos ombros ossudos, as veias azuladas visíveis por baixo da pele translúcida, feridas recentes nos dois punhos. Ela segura o pincel entre os dedos. Dele pinga tinta vermelha — ou seria sangue? Ela é retratada no ato de pintar, mas a tela está vazia, assim como sua expressão. Com a cabeça virada de lado, ela olha diretamente para nós. Boca aberta, lábios afastados. Muda.

Durante o julgamento, Jean-Felix Martin, gerente da pequena galeria do Soho que representava Alicia, tomou a polêmica decisão, criticada por muitos como sensacionalista e macabra, de exibir *Alceste*. O fato de a artista estar naquele momento respondendo pela morte do marido no banco dos réus fez com que, pela primeira vez na longa história da galeria, filas se formassem à entrada.

Entrei na fila com os outros ansiosos apreciadores de arte, esperando minha vez à luz neon vermelha da sex shop ao lado. E, um por um,

nós entrávamos. Dentro da galeria, éramos conduzidos até a pintura, como uma multidão empolgada num parque de diversões indo para a casa malassombrada. Até que me vi diante de *Alceste*.

Fiquei encarando a pintura, o rosto de Alicia, tentando interpretar seu olhar, tentando entender — mas o retrato resistia, desafiador. Alicia me encarava com sua máscara impassível, impenetrável, enigmática. Não consegui detectar inocência nem culpa em sua expressão.

Mas houve quem achasse a leitura mais fácil.

— Maldade pura — sussurrou a mulher atrás de mim.

— Né? — concordou sua companhia. — Piranha com sangue-frio.

Um tanto injusto, pensei, considerando que a culpa de Alicia ainda não havia sido provada. Mas, na verdade, a conclusão era inevitável. Desde o início, os tabloides venderam a ideia de que ela era uma vilã: uma mulher fatal, uma viúva negra. Um monstro.

Tal como se apresentavam, os fatos eram simples: Alicia foi encontrada sozinha com o corpo de Gabriel; na arma havia apenas suas

impressões digitais. Não restava a menor dúvida de que ela matara Gabriel. Já o *porquê* continuava um mistério.

O crime era debatido na mídia, e surgiam diferentes teorias nos jornais, no rádio, nos talk shows matinais da televisão. Especialistas eram convidados a explicar, condenar, justificar os atos de Alicia. Ela devia ser vítima de violência doméstica, sem dúvida, e suportou até o seu limite antes de explodir. Outra teoria era de que se tratava de um jogo sexual que deu errado — afinal, o marido não tinha sido encontrado amarrado? Alguns suspeitavam de que Alicia tenha sido levada ao assassinato pelo bom e velho ciúme — provavelmente outra mulher. No julgamento, entretanto, Gabriel foi descrito pelo irmão como marido dedicado, profundamente apaixonado pela companheira. Bem, e questões relacionadas a dinheiro? Alicia não tinha muito a ganhar com a morte dele; era ela quem tinha dinheiro, herdado do pai.

E assim corriam soltas as especulações, sem respostas, apenas mais perguntas sobre os motivos de Alicia e seu posterior silêncio. Por que ela se recusava a falar? O que isso significava?

Estava escondendo alguma coisa? Protegendo alguém? Neste caso, quem? E por quê?

Na época, me lembro de pensar que, enquanto todo mundo falava, escrevia, discutia sobre Alicia, bem no cerne de toda essa barulhenta e frenética agitação, havia um vazio — um silêncio. Uma esfinge.

No julgamento, o juiz não viu com bons olhos a persistente recusa de Alicia de se manifestar. Quem é inocente, frisava o Meritíssimo Juiz Alverstone, costuma proclamar a própria inocência em alto e bom som, e o tempo todo. Alicia não só permanecia em silêncio como não demonstrava o menor sinal de remorso. Não chorou uma vez sequer durante o julgamento, fato bastante explorado pela imprensa, mantendo a expressão fria e inalterada. Congelada.

A defesa não tinha escolha senão alegar inimputabilidade: Alicia tinha um longo histórico de transtornos mentais, afirmava-se, remontando à infância. O juiz descartou boa parte desse argumento como sem fundamento, mas no fim se deixou convencer por Lazarus Diomedes, professor de psiquiatria forense no

Imperial College e diretor clínico do Grove, um hospital psiquiátrico judiciário na região norte de Londres. O professor Diomedes sustentou a alegação de que a própria recusa de falar demonstrava o profundo desequilíbrio psicológico de Alicia, o que devia ser levado em conta na determinação da sentença.

O que era, na verdade, um eufemismo para algo que os psiquiatras não gostam de afirmar diretamente:

O que Diomedes queria dizer era que Alicia estava louca.

Era a única explicação que fazia algum sentido: por que outro motivo ela iria amarrar o homem amado a uma cadeira e atirar no rosto dele? Para depois não manifestar nenhum remorso, não dar explicações, nem sequer falar? Ela só podia estar louca.

Alicia tinha que estar louca.

No fim, o Meritíssimo Juiz Alverstone aceitou a alegação de inimputabilidade e recomendou que o júri a levasse em consideração. Alicia seria em seguida internada no Grove, sob a supervisão do mesmo professor Diomedes, cujo depoimento influenciara tanto a decisão do juiz.

Se Alicia não estava louca — isto é, se o seu silêncio não passava de fingimento, uma encenação para enganar os membros do júri —, então seu plano tinha dado certo. Ela escapou de uma longa sentença de prisão, e, caso se recuperasse por completo, poderia ser libertada em poucos anos. Então já estaria na hora de começar a fingir essa recuperação? Pronunciar umas palavras aqui e ali, e depois um pouco mais; começar aos poucos a expressar alguma forma de remorso. Mas não. Semana após semana, mês após mês, então os anos se passaram — e Alicia continuava muda.

Apenas silêncio.

E assim, sem dispor de mais nenhuma revelação, a mídia, decepcionada, acabou perdendo o interesse em Alicia Berenson. Ela se tornou mais uma dentre esses assassinos de fama passageira; rostos de que nos lembramos, mas cujos nomes esquecemos.

Nem todos nós. Certas pessoas — entre elas, eu mesmo — continuaram fascinadas pelo mistério de Alicia Berenson e seu persistente silêncio. Como terapeuta, me parecia evidente que ela havia sofrido algum trauma grave em

relação à morte de Gabriel; e o silêncio era uma expressão desse trauma. Incapaz de enfrentar o que tinha feito, Alicia emperrou e ficou imobilizada, como um carro com defeito. Eu queria contribuir para fazê-la dar a partida novamente, ajudar Alicia a contar sua história, se curar e ficar bem. Queria consertá-la.

Sem querer parecer que estou me gabando, eu me considerava a pessoa certa para ajudar Alicia Berenson. Sou psicoterapeuta forense, acostumado a trabalhar com pessoas vulneráveis e com muitos traumas. E algo na história de Alicia ressoava em mim — desde o começo, senti uma profunda empatia por ela.

Infelizmente, na época eu ainda trabalhava em Broadmoor; portanto, me dedicar ao tratamento de Alicia seria apenas — ou deveria ter sido — uma fantasia sem desdobramentos reais, não fosse a inesperada intervenção do destino.

Quase seis anos depois da internação de Alicia, o cargo de psicoterapeuta forense ficou vago no Grove. Assim que vi o anúncio, percebi que não tinha escolha. Segui meus instintos e me candidatei à vaga.

# CAPÍTULO 3

Eu me chamo Theo Faber. Tenho 42 anos. E me tornei terapeuta porque a minha cabeça era toda fodida. A verdade é essa — embora eu não tenha dito isso na entrevista de emprego, quando me fizeram essa pergunta.

— O que atraiu você na psicoterapia? — perguntou Indira Sharma, enquanto me observava por cima dos óculos redondos e enormes.

Indira dava consultoria psicoterapêutica no Grove. Com 50 e tantos anos, tinha um rosto redondo e atraente e longos cabelos pretos e lustrosos com algumas mechas grisalhas. Ela me ofereceu um leve sorriso, como que dizendo que essa ainda era uma pergunta fácil, só para esquentar, precedendo desafios mais ardilosos.

Hesitei. Dava para sentir os outros integrantes do comitê olhando para mim. Fiz questão de manter contato visual enquanto desfiava uma resposta ensaiada, uma história repleta de bons sentimentos sobre meu trabalho de meio período num lar para idosos na adolescência; e como isso

despertou em mim o interesse pela psicologia, que levou a uma pós-graduação em psicoterapia, e assim por diante.

— Acho que eu queria ajudar as pessoas. — E dei de ombros. — Foi isso mesmo.

O que era uma completa bobagem.

Quer dizer, claro que eu queria ajudar os outros. Mas esse era um objetivo secundário — principalmente quando comecei a faculdade. A verdadeira motivação era puramente egoísta. Eu precisava ajudar a mim mesmo. E acho que isso se aplica à maioria das pessoas que lida com saúde mental. Somos atraídos por essa profissão porque a nossa cabeça está uma bagunça — estudamos psicologia para curar a nós mesmos. Agora, saber se estamos dispostos a admitir isso já é outra história.

Nós, seres humanos, vivemos nossos primeiros anos num território anterior à memória. Costumamos pensar que surgimos dessa névoa primordial com o caráter plenamente formado, como Afrodite irrompendo perfeita da espuma do mar. Mas sabemos que não é exatamente assim, graças a pesquisas cada vez mais aprofundadas a respeito do desenvolvimento do

cérebro. Nascemos com um cérebro formado apenas em parte, parecendo mais uma massa de argila disforme que um deus do Olimpo. Como dizia o psicanalista Donald Winnicott: “Não existe essa coisa de bebê.” O desenvolvimento da nossa personalidade não ocorre de maneira isolada, mas na relação com os outros — somos moldados e completados por forças invisíveis de que não nos recordamos; no caso, nossos pais.

O que é assustador, por motivos óbvios. Quem sabe quantas injúrias não sofremos, quantos tormentos e abusos, nesse território anterior à memória? Nossa natureza se formou sem que sequer soubéssemos disso. No meu caso, eu cresci me sentindo tenso, com medo, ansioso. Essa ansiedade parecia anterior à minha existência e independente de mim. Desconfio, no entanto, que teve origem na minha relação com o meu pai, perto de quem eu jamais me sentia seguro.

Os acessos de raiva imprevisíveis e arbitrários do meu pai transformavam qualquer situação, por mais inofensiva, num potencial campo minado. Qualquer comentário inócuo ou ponto de vista discordante bastava para desencadear

sua fúria, provocando uma série de explosões das quais era impossível escapar. A casa tremia com seus gritos, e eu saía correndo para o meu quarto no andar de cima. Eu me jogava no chão e me enfiava debaixo da cama, encolhido contra a parede. Mal conseguindo respirar, ficava lá rezando para ser engolido pelos tijolos e desaparecer. Mas era agarrado pela mão dele, que me arrastava ao encontro do meu destino. O cinto era desafivelado da cintura e estalava no ar antes de me acertar, cada batida me fazendo ficar de lado para me proteger, a carne em brasa. Até que o açoitamento terminava, de forma tão repentina quanto havia começado. E eu caía no chão todo encolhido, um boneco de pano descartado por uma criancinha enfurecida.

Eu nunca sabia ao certo o que tinha feito para desencadear toda aquela fúria, ou se merecia o que estava acontecendo. Perguntei à minha mãe por que o meu pai estava sempre tão irritado comigo e ela, num gesto desesperador, deu de ombros e respondeu: “Como é que eu vou saber? Seu pai é completamente maluco.”

Ao dizer que ele era maluco, ela não estava brincando. Se fosse avaliado hoje por um

psiquiatra, desconfio que meu pai teria sido diagnosticado com transtorno de personalidade, doença que não recebeu nenhum tratamento ao longo de toda a sua vida. O resultado, para mim, foi uma infância e uma adolescência dominadas pela histeria e pela violência física: ameaças, lágrimas e vidro quebrado.

Havia momentos de felicidade, geralmente quando meu pai não estava em casa. Eu me lembro de um inverno em que ele fez uma viagem de negócios de um mês aos Estados Unidos. Durante trinta dias, minha mãe e eu tivemos total liberdade na casa e no jardim, longe do seu olhar vigilante. Nevou muito em Londres naquele mês de dezembro, e o jardim inteiro ficou enterrado debaixo de um tapete branco, espesso e liso. Mamãe e eu fizemos um boneco de neve. Inconscientemente ou não, era uma representação do nosso senhor ausente naquele momento: eu o batizei de Papai, e, com aquela barriga enorme, as duas pedras negras fazendo as vezes de olhos e os gravetos inclinados representando as sobrancelhas severas, a semelhança era assombrosa. Completamos a ilusão colocando nele as luvas, o chapéu e o guarda-chuva do meu pai. Então arremessamos

bolas de neve nele com violência, enquanto dávamos risadinhas feito crianças travessas.

Caiu uma nevasca pesada naquela noite. Minha mãe foi para a cama e eu fingi estar dormindo, mas escapuli para o jardim e fiquei lá sob a neve que caía. Estendi as mãos, pegando flocos de neve, vendo-os desaparecer entre os dedos. A sensação era de felicidade e frustração, e expressava uma verdade que eu era incapaz de manifestar na época; meu vocabulário era limitado demais, minhas palavras formavam uma malha frouxa demais para capturá-la. De certa maneira, tentar agarrar flocos de neve que desaparecem é como tentar agarrar a felicidade: um ato de posse que imediatamente se transforma em nada. O que me lembrou que havia um mundo inteiro fora daquela casa — um mundo de imensidão e inconcebível beleza que, por enquanto, estava fora do meu alcance. Essa lembrança tem voltado a mim com frequência ao longo dos anos. Como se o sofrimento que cercava aquele breve momento de liberdade a fizesse arder ainda mais vívida: uma luzinha minúscula cercada de escuridão.

Eu me dei conta de que a única esperança de sobrevivência seria bater em retirada — tanto física quanto psicologicamente. Eu precisava fugir para bem longe. Só assim estaria a salvo. E então, aos 18 anos, consegui as notas de que precisava para garantir uma vaga na universidade. E deixei aquela prisão de Surrey — e achei que estava livre.

Mas não estava.

Na época, eu não sabia, mas já era tarde: eu tinha internalizado meu pai, ele estava introjetado em mim, profundamente enterrado no meu inconsciente. Por mais que fugisse, eu o levava comigo aonde quer que fosse. Era perseguido por um implacável e infernal coro de Erínias, todas com a voz dele, gritando que eu não valia nada, que eu era uma vergonha, um fracasso.

No meu primeiro período na faculdade, naquele primeiro e rigoroso inverno, as vozes ficaram tão estridentes, tão paralisantes, que passaram a me controlar. Imobilizado pelo medo, eu não conseguia sair, socializar nem fazer amigos. Era como se não tivesse saído de casa. Não havia esperança. Eu tinha sido derrotado,

estava aprisionado. Colocado contra a parede. Sem saída.

Uma única solução se apresentava.

Fui de farmácia em farmácia comprar caixas de paracetamol. Comprava poucas caixas por vez para não despertar suspeitas, mas nem precisava me preocupar. Ninguém estava prestando a menor atenção em mim; sem dúvida eu era tão invisível quanto me sentia.

Fazia frio no meu quarto, e eu sentia os dedos dormentes e desajeitados ao abrir as caixas. Tive que fazer um esforço enorme para engolir os comprimidos. Mas os forcei goela abaixo, um atrás do outro. E me arrastei até a minha cama estreita e desconfortável. Fechei os olhos e esperei a morte.

Mas a morte não veio.

O que veio foi uma dor visceral e abrasadora. Eu me curvei e vomitei, cuspindo bile e comprimidos mal digeridos em cima de mim mesmo. Deitado lá no escuro, senti meu estômago em chamas pelo que pareceu uma eternidade. Até que, lentamente, na escuridão, eu me dei conta de algo.

Eu não queria morrer. Ainda não; não sem nem sequer ter vivido.

Senti então alguma esperança, mesmo que confusa e indefinida. E que, de qualquer maneira, me levou a reconhecer que eu não seria capaz de fazer aquilo sozinho: eu precisava de ajuda.

Eu a encontrei na forma de Ruth, uma terapeuta recomendada pelo atendimento psicológico da universidade. Ruth era rechonchuda, tinha a cabeça branca e certo ar de vovozinha. Além de um sorriso simpático, no qual eu queria acreditar. No começo, ela não dizia muita coisa. Limitava-se a me ouvir. Eu falava da infância, da minha casa, dos meus pais. Enquanto falava, percebi que, por mais sofridos que fossem os detalhes que relatava, eu não sentia nada. Estava desligado das minhas emoções, como uma mão decepada do punho. Falava de lembranças dolorosas e impulsos suicidas, mas não os sentia.

Volta e meia, no entanto, eu olhava para Ruth. Para minha surpresa, ela estava com os olhos marejados de lágrimas. Pode ser difícil entender, mas essas lágrimas não eram dela.

Eram minhas.

Na época, eu não entendi. Mas é assim que a terapia funciona. O paciente delega seus sentimentos inaceitáveis ao terapeuta, que retém tudo que ele teme sentir, sentindo por ele. Até que, muito lentamente, lhe devolve esses sentimentos. Exatamente como Ruth devolveu os meus.

Continuamos nossos encontros por vários anos, Ruth e eu. Ela era a única constante na minha vida. Graças a ela, internalizei um novo tipo de relação com os outros: uma relação baseada no respeito mútuo, na honestidade e na bondade — e não na recriminação, na raiva e na violência. Aos poucos comecei a me sentir diferente em relação a mim mesmo, menos vazio, com mais capacidade de sentir emoções e menos medo. Aquele coro interno repleto de ódio nunca me abandonou por completo, mas agora eu contava com a voz de Ruth para enfrentá-lo, e prestava menos atenção a ele. Assim, as vozes na minha cabeça se acalmaram e chegavam a desaparecer de vez em quando. Eu me sentia em paz — e às vezes até feliz.

A terapia literalmente tinha salvado a minha vida. E, sobretudo, transformara a qualidade

dessa vida. A cura pela fala foi fundamental na pessoa em que eu havia me tornado — num sentido muito profundo, ela me definia.

Estava ali, eu sabia, a minha vocação.

Depois da faculdade, eu me especializei em psicoterapia em Londres. Durante minha formação, continuei me encontrando com Ruth. Ela como sempre me apoiava e estimulava, mesmo frisando que eu devia ser realista quanto ao caminho que havia tomado: “Não é nenhum mar de rosas”, ela costumava dizer. E estava certa. Trabalhar com pacientes, botar a mão na massa... Não seria mesmo nada confortável.

Eu me lembro da minha primeira visita a um hospital psiquiátrico judiciário. Minutos depois de chegar, um paciente tinha baixado as calças, agachado e defecado na minha frente. Um amontoado fedorento de merda. E outros incidentes posteriores, nem todos de embrulhar o estômago, mas não menos dramáticos — tentativas de suicídio terríveis, automutilação, histeria e sofrimento descontrolados —, pareciam mesmo mais do que eu seria capaz de suportar. Mas a cada incidente eu dava um jeito

de acessar uma resiliência insuspeita até então. E foi ficando mais fácil.

É estranho como a gente se adapta rapidamente ao pavoroso mundo de um hospital psiquiátrico. Ficamos cada vez mais à vontade com a loucura, e não apenas a loucura dos outros, mas a nossa própria. Eu acredito que somos todos loucos, apenas de formas diferentes.

E foi por isso — e assim — que senti uma ligação com Alicia Berenson. Eu havia tido sorte. Graças a uma bem-sucedida intervenção terapêutica ainda na juventude, pude recuar quando já estava à beira da escuridão psíquica. Na minha mente, entretanto, a outra narrativa continuava sendo sempre uma possibilidade: eu poderia ter enlouquecido e terminado meus dias trancafiado numa instituição psiquiátrica, como Alicia. Graças a Deus nada disso tinha acontecido.

Eu não podia dizer nenhuma dessas coisas a Indira Sharma quando ela perguntou por que havia me tornado psicoterapeuta. Afinal, aquilo era uma entrevista de emprego; e pelo menos eu sabia jogar esse jogo.

— No fim das contas — concluí —, é a formação que nos transforma em

psicoterapeutas. Independentemente das intenções iniciais.

Indira concordou, com ar de sabedoria.

— Sim, perfeito. Exatamente.

A entrevista transcorreu bem. Minha experiência de trabalho em Broadmoor era uma vantagem, disse Indira — demonstrava que eu era capaz de lidar com transtornos mentais graves. O emprego me foi oferecido pouco depois da entrevista, e eu o aceitei.

Um mês depois, estava a caminho do Grove.

## CAPÍTULO 4

Cheguei ao Grove acompanhado por um vento gélido de janeiro. As árvores sem folhas pareciam esqueletos ao longo da rua. O céu estava branco, carregado com a neve que ainda ia cair.

De pé na entrada, busquei o maço de cigarros no bolso. Eu estava há mais de uma semana sem fumar— tinha prometido a mim mesmo que dessa vez era pra valer, ia largar de verdade. Mas ali estava eu, já fraquejando. Acendi um, irritado comigo mesmo. Um terapeuta tende a encarar o hábito de fumar como uma dependência não

resolvida — algo que qualquer terapeuta que se preze já devia ter trabalhado e superado. Eu não queria entrar cheirando a cigarro, então comecei a chupar duas balas de menta enquanto fumava e tentava me aquecer.

Eu tremia, mas para ser sincero era mais o nervosismo que o frio. Estava hesitante. Meu supervisor em Broadmoor tinha dito sem rodeios que eu estava cometendo um erro. Deu a entender que minha partida significava a interrupção de uma carreira promissora, mostrando-se um tanto desdenhoso em relação ao Grove e particularmente ao professor Diomedes.

— Um sujeito nada ortodoxo. Trabalha muito com relações de grupo... Trabalhou um tempo com Foulkes. Nos anos oitenta, comandava uma espécie de comunidade terapêutica alternativa em Hertfordshire. Esse tipo de terapia não é economicamente viável, especialmente hoje em dia... — Ele hesitou um instante e prosseguiu falando mais baixo. — Não quero assustar você, Theo, mas ouvi rumores de que aquilo lá vai ser fechado. Você pode estar desempregado daqui a

seis meses... Tem certeza de que não vai reconsiderar?

Hesitei, mas só por educação.

— Tenho, sim.

Ele balançou a cabeça.

— Para mim parece suicídio profissional. Mas se a sua decisão está tomada...

Eu não falei para ele de Alicia Berenson, do meu desejo de tratá-la. Poderia ter colocado a situação em termos que ele fosse capaz de entender: trabalhar com ela poderia levar a um livro ou a alguma publicação. Mas eu sabia que não ia adiantar muito; ele continuaria achando que eu estava cometendo um erro. E talvez tivesse razão. Era o que eu estava prestes a descobrir.

Apaguei o cigarro, controlei o nervosismo e entrei.

O Grove ficava na parte mais antiga do hospital Edgware. O prédio original de tijolos aparentes em estilo vitoriano há muito tinha sido cercado e engolido por ampliações e anexos maiores e, em geral, mais feios também. O Grove ficava no coração desse complexo. A única indicação do caráter perigoso dos ocupantes era a fileira de

câmeras de segurança empoleiradas nas cercas feito aves de rapina vigilantes. Na recepção, todos os esforços foram feitos para que tudo parecesse bastante amistoso: amplos sofás azuis, pinturas e desenhos rústicos e infantis dos pacientes pendurados nas paredes. A mim parecia mais um jardim de infância que um hospital psiquiátrico judiciário.

Um sujeito alto surgiu a meu lado. Sorriu para mim e estendeu a mão. Apresentou-se como Yuri, chefe da enfermaria psiquiátrica.

— Bem-vindo ao Grove. Temo que a gente não tenha um comitê de recepção. Só eu.

Yuri era bonito, forte e tinha 30 e tantos anos. Cabelo preto e uma tatuagem tribal subindo pelo pescoço, por cima do colarinho. Cheirava a tabaco e a uma loção pós-barba excessivamente adocicada.

Embora falasse com sotaque, seu inglês era perfeito.

— Cheguei da Letônia há sete anos, e na época eu não falava uma palavra de inglês. Mas em um ano já era fluente.

— Isso é impressionante.

— Que nada. Inglês é uma língua fácil. Experimenta só falar letão.

Ele riu e pegou o tilintante chaveiro que trazia preso ao cinto. Tirou algumas chaves e as entregou a mim.

— Você vai precisar dessas para os quartos individuais. E vai ter que aprender os códigos das alas.

— É muita chave! Em Broadmoor eu tinha bem menos.

— É, pois é. A gente intensificou bastante a segurança recentemente, desde que Stephanie entrou na equipe.

— Quem é Stephanie?

Yuri não respondeu, mas fez um gesto com a cabeça indicando a mulher que saía pela porta do escritório atrás do balcão da recepção.

Era caribenha, na casa dos 40 anos, e tinha um corte meio chanel com as pontas mais compridas.

— Muito prazer, Stephanie Clarke, gerente do Grove.

Stephanie me ofereceu um sorriso pouco convincente. Ao trocar um aperto de mão com ela, senti mais força e firmeza que no aperto de Yuri, e boas-vindas muito menos calorosas.

— Como gerente dessa unidade, segurança é minha maior prioridade. Dos pacientes e da equipe de funcionários. Se vocês não estiverem seguros, os pacientes também não vão estar. — Ela me entregou um aparelhinho, um alarme para relatar agressões físicas. — Fica com ele o tempo todo. Não deixa na sua sala.

Resisti à tentação de dizer “Sim, senhora”. Melhor cair nas graças de Stephanie para evitar complicações. Fora exatamente essa minha tática anteriormente com outros gerentes autoritários: evitar confrontos e me manter invisível.

— Prazer em conhecê-la, Stephanie. — E abri um sorriso.

Ela fez que sim com a cabeça, mas não sorriu.

— Yuri vai levar você até a sua sala.

Ela deu meia-volta e saiu marchando sem olhar para trás.

— Vem comigo — chamou Yuri.

Fui com ele até a entrada da ala, uma enorme porta de aço reforçado. Ao lado, o detector de metais era controlado por um guarda.

— Você conhece o protocolo, certo? — disse Yuri. — Nada de objetos pontiagudos... Nada que possa ser usado como arma.

— Nem isqueiros — acrescentou o guarda enquanto me revistava, catando meu isqueiro do bolso com um olhar acusador.

— Foi mal. Esqueci que estava com isso.

Yuri fez sinal para que o acompanhasse.

— Vou levar você até a sua sala. Todo mundo está no encontro comunitário, por isso está tudo bem tranquilo por aqui.

— Posso participar também?

— Do encontro? — Yuri pareceu surpreso. — Você não quer se acomodar na sua sala primeiro?

— Isso pode ficar para depois. Se não for nenhum problema para você...

Ele deu de ombros.

— Como quiser. Por aqui.

Yuri me conduziu então por corredores interligados e pontuados por portas trancadas — uma sucessão de portas batidas, ferrolhos abertos e chaves giradas nas fechaduras. Avançávamos lentamente.

Ficava evidente que há muito não se gastava na manutenção do prédio: paredes com tinta descascando, um leve cheiro de mofo e corredores repletos de manchas.

Yuri parou em frente a uma porta fechada e indicou com a cabeça.

— Eles estão aí. Pode entrar.

— Ok, obrigado.

Hesitei, me preparando. E então abri a porta e entrei.

# CAPÍTULO 5

O encontro era realizado num salão comprido com janelas altas e gradeadas, que davam para um muro de tijolos aparentes. No ar, um cheiro forte de café misturado à loção de Yuri. Eram cerca de trinta pessoas sentadas em círculo, em sua maioria segurando copos de papel com chá ou café, bocejando e se esforçando para não cochilar. Algumas, depois de beber o café, brincavam com os copos vazios, amassando-os, achatando-os ou rasgando-os.

O encontro ocorria uma ou duas vezes por dia, algo entre uma reunião administrativa e uma sessão de terapia de grupo. Questões relacionadas à gestão da unidade e ao atendimento dos pacientes eram colocadas na pauta para serem discutidas. Como o professor Diomedes gostava de dizer, era uma tentativa de envolver as pacientes no tratamento e estimulá-las a assumir a responsabilidade pelo próprio bem-estar, embora nem sempre funcionasse. Com sua formação em terapia de grupo, Diomedes tinha particular inclinação por

reuniões dos mais variados tipos, e incentivava tanto quanto possível o trabalho em grupo. Digamos que ele adorava uma plateia. Tinha um leve ar de apresentador de circo, achei, quando se levantou para me cumprimentar, as mãos estendidas e acolhedoras, fazendo um gesto para que eu me aproximasse.

— Theo. Aí está você! Junte-se a nós!

Ele falava com um leve sotaque grego, quase imperceptível — já perdera a maior parte do sotaque; afinal, morava na Inglaterra havia mais de trinta anos. Era bonito e, embora tivesse uns 60 anos, parecia muito mais jovem: tinha um ar jovial e travesso, mais parecendo um tio irreverente que um psiquiatra. O que não quer dizer que não fosse extremamente dedicado ao atendimento das pacientes — chegava antes do pessoal da limpeza pela manhã e ficava até depois da troca de turno das equipes à noite, às vezes passando a madrugada no sofá da sua sala. Duas vezes divorciado, Diomedes gostava de dizer que seu terceiro e mais bem-sucedido casamento fora com o Grove.

— Sente-se aqui. — E apontou para uma cadeira vazia ao seu lado. — Sente, sente, sente.

Obedeci.

Diomedes fez todo um floreio para me apresentar.

— Permitam-me apresentar nosso novo psicoterapeuta, Theo Faber. Espero que possam, como eu, lhe dar as boas-vindas à nossa pequena família...

Enquanto ele falava, eu percorria o círculo com o olhar em busca de Alicia. Mas não a encontrava. Com exceção do professor Diomedes, impecavelmente vestido de terno e gravata, as outras pessoas estavam quase todas de camisa de manga curta ou camiseta. Difícil identificar quem era paciente e quem fazia parte da equipe.

Alguns rostos me eram familiares — Christian, por exemplo. Eu o havia conhecido em Broadmoor. Um psiquiatra que jogava rugby, de nariz quebrado e barba preta. Bonitão de um jeito meio sujo. Saiu de Broadmoor pouco depois de eu ter chegado. Eu não gostava muito dele, mas para ser justo não o conhecia muito bem, porque não trabalhamos juntos por muito tempo.

Eu me lembrei de Indira, da entrevista. Ela sorriu para mim, e eu me senti grato, pois era o único rosto amistoso por ali. A maioria das

pacientes me encarava com ar mal-humorado e desconfiado. Quem podia culpá-las? Os abusos que sofreram, físicos, psicológicos, sexuais... Tudo isso significava que levaria muito tempo até confiarem em mim, se é que chegariam a confiar. Eram todas mulheres, em sua maioria com traços grosseiros, cheias de rugas e cicatrizes. Tiveram vidas muito difíceis, passando por horrores que as levaram a se refugiar na terra de ninguém da doença mental; essas vidas estavam entalhadas naqueles rostos, impossíveis de serem ignorados.

Mas e Alicia Berenson? Onde ela estava? Voltei a passar os olhos pelo círculo, mas ainda não conseguia encontrá-la. Até que me dei conta: eu estava bem diante dela. Alicia estava sentada à minha frente, do outro lado do círculo.

Eu não a tinha visto porque ela era invisível.

Curvada para a frente, Alicia estava completamente largada na cadeira. Obviamente bastante sedada. Segurava um copo de papel cheio de chá, que a mão trêmula derramava constantemente no chão. Eu me contive para não ir até ela e endireitar o copo. Estava tão alterada que duvido que tivesse notado alguma coisa.

Eu não esperava que ela estivesse tão debilitada. Ainda havia sinais da bela mulher que tinha sido: olhos de um azul profundo, um rosto perfeitamente simétrico. Mas estava magra demais e parecia suja. Os longos cabelos ruivos estavam imundos e embaraçados. As unhas estavam roídas e quebradas. Dava para ver as cicatrizes sutis nos dois punhos, as mesmas que eu vira tão bem reproduzidas em *Alceste*. Os dedos não paravam de tremer, sem dúvida efeito colateral do coquetel de drogas que estava tomando: risperidona e outros antipsicóticos pesados. E a saliva brilhante se acumulava ao redor da boca aberta, outro lamentável efeito colateral da medicação — a pessoa baba de forma incontrolável.

Percebi que Diomedes olhava para mim. Desviei a atenção de Alicia e foquei nele.

— Com certeza você poderá se apresentar melhor, Theo — comentou ele. — Não quer dizer algumas palavras?

— Obrigado — assenti. — Na verdade, não há o que acrescentar. Apenas que estou muito feliz de estar aqui. Empolgado, nervoso, cheio de